

Resumo

No presente artigo, pretendo analisar as representações de paternidades negras referentes aos personagens do romance *A terceira Vida de Grange Copeland* (1970), da escritora Alice Walker, e no conto *Meia Noite* (2022), de Stefano Volp. Walker e Volp, em suas respectivas obras, discorrem acerca do racismo, machismo e desigualdades socioeconômicas presentes no contexto dos homens negros e como esses fatores se relacionam com a experiência da paternidade para esses indivíduos. A escritora bell hooks (2004), em *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*, afirma que a imagem atribuída aos homens negros é de selvageria intrínseca por natureza e que, apesar de articulada no século XIX, essa imagem vigora no imaginário popular até o tempo presente. Em vistas dos pressupostos de hooks, a imagem de uma paternidade positiva não é socialmente vinculada ao homem negro, porém Walker e Volp apresentam narrativas em que retratam outras possibilidades de performances paternas que rompem com os estereótipos racistas que desumanizam os homens negros. A partir da perspectiva metodológica da interseccionalidade, conceituada por Collins e Bilge (2020) como o entendimento de que as relações de poder não se manifestam como entidades distintas e excludentes, mas como categorias que se sobrepõem, afetando todos os aspectos do convívio social, as performances paternas negras no romance e no conto serão analisadas por uma ótica interseccional entre raça, gênero e classe.

Palavras-chaves: Literatura; masculinidade; paternidade negra; homem negro.

O pai negro na literatura

O homem negro tem sido historicamente subalternizado, tendo seu corpo desumanizado e relegado às funções do trabalho e sexual. O estudioso Osmundo Pinho, reflete acerca da desumanização do homem negro:

Antes de tudo, o homem negro é representado como um corpo negro, o seu próprio corpo. Paradoxalmente, esse corpo é configurado de forma alienada, como se fosse separado da autoconsciência do negro. O corpo negro é outro corpo, lógica e historicamente deslocado de seu centro. Como suporte ativo para a identidade, é o lugar de uma batalha pela reapropriação de si do negro como uma reinvenção do self negro e de seu lugar na história. Uma reapropriação do corpo como plataforma ou base política revolucionária. Ora, essa base é contraditória porque tem sido definida pelas discursividades racializantes ou puramente racistas que justamente aprisionam o negro na “geografia da pele e da cor”. Ser negro é ser o corpo negro, que emergiu simbolicamente na história como o corpo para o outro, o branco dominante. Assim,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura – Universidade Federal da Bahia

o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco. (Pinho, 2004, p. 67)

Pinho aborda como os papéis sociais são atribuídos aos homens negros através do prisma da outridade. Nesse lugar de configuração da imagem social do indivíduo masculino negro, não se idealiza a do pai negro. No texto *pai de todos, pai de ninguém: Modelos de paternidade no período abolicionista*, a autora Cláudia Laitano analisa as representações literárias referentes à imagem do pai negro após a proibição do tráfico de escravizados, quando o sujeito negro passa a figurar na literatura brasileira. Personagem raro nesse campo discursivo, enquanto o pai e mãe brancos e algumas mães negras escravizadas são retratados na ficção literária, a figura paterna negra aparece como instância meramente simbólica, através da relação entre o preto-velho da casa e seus senhores mais próximos. Esse pai preto, cuja relação de paternidade é estabelecida com os senhores brancos, não cultua nem seus antepassados, nem seus descendentes. (Laitano, 2020).

A produção literária brasileira, assim como outras esferas de produção de discurso, tem sido um espaço excludente, formado majoritariamente por homens brancos que constroem representações literárias a partir de sua própria perspectiva social (Dalcastagnè, 2012). Nesse contexto, é discreta a figura do homem negro na literatura brasileira e, quando representada, tende aos estereótipos raciais, logo o pai negro tem sido um sujeito invisibilizado na literatura brasileira.

Apesar de ainda ser um espaço ocupado majoritariamente por sujeitos brancos, contemporaneamente, a literatura tem sido um campo onde se tem pautado as construções identitárias masculinas negras, sobretudo a partir da literatura produzida por uma minoria de autores negros. No romance *Canção para ninar menino grande*, Conceição Evaristo aborda as complexidades ligadas à masculinidade do homem negro, bem como o lugar da paternidade para esses indivíduos. Também o rap tem sido um espaço privilegiado de debates acerca das masculinidades negras, composições como *Negro drama* e *Jesus chorou*, do grupo Racionais MC's (2002), tensionam as especificidades referentes às experiências de homens negros, particularmente o homem negro oriundo da periferia.

Enquanto no mercado editorial brasileiro a presença de escritores negros tem aumentado somente no último século, nos Estados Unidos da América desde meados do século XX, fomentado pelo período de forte ativismo racial do país, emerge uma gama de escritores

negros que pautaram questões de raça e gênero como Alice Walker, James Baldwin e Toni Morrison. A formação da identidade cultural de afro-estadunidenses e os aspectos em torno dessa construção são questões frequentes nas obras de tais autores.

Representações de pais negros no conto *Meia-noite* e *A terceira vida de Grange Copeland*

As performances paternas negras presentes em *A terceira vida de Grange Copeland* (Walker, 2020) e *Meia-noite* (Volp, 2021) estão intrinsecamente ligadas às experiências de masculinidades negras produzidas em um contexto racista, machista e classista. Ainda que esses aspectos circunscrevam a formação psicológica dos homens negros nas obras, Walker e Volp constroem seus personagens enfatizando camadas e subjetividades além do lugar comum das opressões, destacando em suas obras esse sujeito invisível na literatura, sobretudo brasileira.

As representações paternas de homens negros no conto *Meia-noite*, presente no livro *Homens pretos (não) choram*, do escritor brasileiro Stefano Volp, e do romance *A terceira vida de Grange Copeland*, da estadunidense Alice Walker, apontam às especificidades referentes às experiências da paternidade para sujeitos negros.

O conto de Volp narra a história de um homem negro homossexual prestes a comemorar, enquanto figura paterna, o dia dos pais. Em meio a alegria eufórica pela data, ele relembra da experiência violenta decorrente da convivência com o próprio pai durante a infância. Já o romance de Walker apresenta a trajetória de Grange Copeland, um homem negro em três fases diferentes da vida, nas quais ele exerce a paternidade de formas distintas com o filho e posteriormente com a neta, de quem ele passa a ter a tutela, tornando-se sua principal figura parental. Além disso, outro personagem central para análise da paternidade negra na obra de Walker é o filho de Grange, Brownfield, cuja atuação paterna é marcada pela sua experiência com Grange, retratando assim uma situação geracional.

Essa conjuntura geracional de paternidades negras que observo no conto e no romance expõe um trauma que indica um fenômeno reiterado de relações violentas ligadas à paternidade típica que bell hooks define na obra *A gente é da hora: homens negros e masculinidades* como uma paternidade resultante de um sistema machista e opressor, no qual os pais forjam conexões emocionais humilhantes e vexatórias com seus filhos. No que tange ao trauma abordado nos textos de Volp e Walker, hooks afirma:

Muitos homens negros foram vítimas de sadismo paterno e materno na infância. Então, quando se tornam pais e se veem revivendo os mesmos rituais de desprezo e desrespeito que os feriram traumáticamente, sentem-se oprimidos pela vergonha.

Para alguns desses homens, sair da vida de seus filhos é a melhor coisa que podem fazer. (hooks, 2004, p.194)

hooks aponta como esse ciclo geracional sofre rupturas a partir da autodeterminação necessária para que os homens pretos rompam com os papéis sociais a eles atribuídos, rompendo, dessa forma, com a paternidade típica.

A paternidade típica, quando direcionada aos meninos, possui suas particularidades, pois trata-se de sujeitos que são suscetíveis a também atuarem enquanto figuras paternas. hooks (2004) aponta como homens negros que são socialmente resultantes de modelos paternos típicos do patriarcado branco encontram dificuldades em alcançar a autovalorização e a possibilidade de experienciar masculinidades alternativas a do modelo hegemônico. Os personagens de *Meia-noite* e *A terceira vida de Grange Copeland* operam diferentes recursos a fim de praticar o paternar decorrente dessas masculinidades alternativas.

Recuperando o passado para viver bem o presente

O personagem Uba, protagonista de *Meia-noite*, ávido por comemorar o dia dos pais com seu filho, rememora momentos vivenciados com o pai durante a infância. Apesar de ter algumas boas recordações, como o cuidado do pai ao cozinhar para ele, é mais acentuadamente atravessado pelas lembranças ruins e os traumas decorrentes delas.

A recordação descrita no conto versa sobre um dia dos pais no qual Uba entrega uma mensagem ao pai, confeccionada na escola, que dizia “Você é o melhor pai do mundo”, porém antes de entregar o presente, o pai o acertara com um desentupidor caseiro, no qual ele trabalhava no momento em que o filho anuncia que tinha algo para lhe entregar, mostrando-se irritado com a voz e com a performance corporal do menino, que demonstrava timidez durante o anúncio.

Cabe inferir que o incômodo do pai possa ser nutrido por uma performance de Uba, enquanto sujeito masculino, que difere de uma masculinidade heteronormativa e racista. O título da coletânea de contos de Volp, *Homens pretos (não) choram*, expõe como homens negros são sociabilizados como indivíduos não autorizados à vulnerabilidade emocional, sendo estereotipados como figuras viris e brutalizadas.

Ao receber de Uba a mensagem do dia dos pais, após agredir o menino, o pai se mostra desorientado e quando, constrangido, afaga a cabeça do filho antes de se retirar, Uba sente como se tivesse recebido um tabefe do pai, tamanha falta de habilidade dele em demonstrar carinho. Mais tarde, Uba encontra a mensagem que fizera rasgada no lixo.

hooks (2004) afirma que o processo de cura dos homens negros envolve recuperar o passado para viver bem o presente. Esse processo é encenado no conto de Volp no trecho a seguir:

Agora, com mais de quarenta anos e pai, Uba retornou para a cama, ao lado do companheiro, com o rosto quente. Precisou engolir em seco e respirar fundo algumas vezes para afastar os apertos do trauma. O relógio do celular finalmente marcou meia-noite. Uba tinha o coração fora do ritmo quando deslizou as pernas pela cama, calçou os chinelos, apertou o roupão e caminhou até a sala. O envelope de papel pardo descansava debaixo da porta, como sempre ocorria uma única vez por ano desde quando seu moleque tinha dez anos. O homem sorriu por dentro em um gesto aliviado. Apanhou o envelope e deixou os lábios sorrirem diante da pintura em suas mãos {...} A assinatura do filho vinha acompanhada dos dizeres de quem conhecia a história do pai e fazia questão de lembrá-lo do quanto o estimava: Você é o melhor pai do mundo. Feliz dia dos pais. (Volp, 2021, p.106)

Ao compartilhar com seu filho o trauma vivenciado com o pai, Uba se permite forjar conexões emocionais não violentas e vexatórias, construindo seu próprio processo de cura. Volp apresenta em seu texto como a tradição da paternidade violenta, marcada por um trauma geracional pode ser rompida através da experiência de uma paternidade alternativa divergente do padrão hegemônico e das atuações paternas socialmente previstas para homens negros.

POR OUTROS MODELOS DE PATERNIDADES NEGRAS

No romance *A terceira vida de Grange Copeland*, Walker constrói um protagonista que apresenta duas performances paternas muito distintas. A narrativa de Walker se passa entre o início e meados do século XX, Grange, e posteriormente seu filho Brownfield, estão inseridos no sistema de *sharecropping*, espécie de escravização continuada após a abolição, logo eles não possuem aparato financeiro para prover as necessidades de suas famílias, o que fere suas masculinidades. Vendo-se impossibilitado de reagir frente à opressão praticada pelo homem branco, dono da propriedade em que vive com a família, Grange se volta contra a esposa e o filho, sendo para eles, especialmente para Brownfield, uma figura extremamente opressora.

Na primeira parte da obra, Grange após um paternar marcado por vínculos afetivos atravessados pelo medo e violência, abandona sua esposa e filho no sul dos Estados Unidos e parte para Nova York, onde espera poder ser de fato um homem, pois a incapacidade de prover as necessidades básicas de sua esposa e filho o faz crer que ele ainda não alcançou tal patamar. No texto *Paternidades pretas em pauta*, Luciano Ramos (2020) aborda como o patriarcado branco baseia-se em elementos fundantes que deslegitimam a masculinidade do homem negro, dentre esses elementos está a capacidade de ser um provedor.

O sistema de *sharecropping* retratado no romance de Walker evidencia como os homens negros não possuíam os recursos necessários para ocupar o lugar de provedor, pois

constantemente precisavam recorrer financeiramente aos donos das propriedades nas quais trabalhavam na tentativa de suprir suas necessidades básicas, já que o valor irrisório pago pelos seus serviços não era o suficiente para custear tais necessidades, o que fazia com que esses homens estivessem perenemente em dívida com seus patrões. Fugindo dessa dura realidade, Grange Copeland negligencia a família e parte em busca de oportunidades financeiras melhores.

O protagonista passa anos ausente da convivência com o filho e nesse momento da narrativa, a atitude de Grange reflete as acepções de bell hooks acerca da paternidade negra quando a autora afirma que frequentemente o pai negro acredita que deixando de conviver com os filhos, estariam minimizando os possíveis efeitos negativo que tal convívio geraria, quando, na verdade, tanto o período em que coabitou com o filho quanto seu abandono, marcaram de forma profunda e indelével a vida de Brownfield, influenciando toda a sua vida adulta. As marcas emocionais indeléveis deixadas por Grange em Brownfield podem ser percebidas no trecho a seguir, quando Grange está prestes a deixar a família:

“Brownfield fingiu estar adormecido, embora seu coração estivesse batendo tão forte que ele tinha certeza de que o pai podia ouvir. Viu Grange se curvar sobre ele para inspecionar sua cabeça e seu rosto. Viu quando ele estendeu a mão para tocá-lo. Viu sua mão se deter pouco antes de encostar em sua bochecha. Brownfield estava chorando em silêncio e queria que o pai tocasse suas lágrimas. Ele se moveu em direção à mão do pai, como se estivesse se movendo inconscientemente durante o sono. Viu a mão recuar, sem tocá-lo. Viu quando ele saiu de casa. E soube, mesmo antes de se dar conta disso, que o pai nunca mais ia voltar, que o odiava por tudo e sempre o odiaria. E o odiava acima de tudo porque, mesmo em privado e no escuro e com Brownfield presumivelmente adormecido, Grange não foi capaz de tocar o filho com a mão (Walker, 2020).”

O excerto reflete a solidão, melancolia e cólera que Grange desperta no filho, que naquele momento, só desejava ser tocado e receber uma demonstração, mínima que fosse, de afeto, assim como retrata a incomunicabilidade do protagonista em relação ao filho, que é incapaz de conceber qualquer vínculo com Brownfield, mesmo que, na percepção de Grange, o filho sequer estivesse consciente.

Durante o período em que o protagonista está ausente, sua esposa comete suicídio e Brownfield, já adulto e inserido no sistema de *sharecropping*, casa-se e torna-se pai de três filhas. Ao longo dos anos, o lar construído pelo filho de Grange e a esposa, por quem outrora foi apaixonado, vai se deteriorando. A revolta crescente pela situação em que se encontram, a insatisfação e vergonha por não poder prover as necessidades de sua família faz com que ele se volte contra a esposa, a tornando vítima de violência física e psicológica, fazendo com que suas filhas adquirissem um grande temor por ele. Ele não só passa a reproduzir a opressão que sofreu durante a infância e a juventude, como expande o grau de violência no qual, no passado, foi vítima e testemunha, surrando a esposa quase diariamente.

Quando Grange volta a morar no Sul, já em melhor situação financeira, passa a colaborar financeiramente com a família do filho, além de se tornar uma referência parental significativa para as netas. hooks narra como, em sua própria família, o seu pai, que fora emocionalmente distante dela, de suas irmãs e, especialmente, de seu irmão, a quem o pai constantemente subjugara, se tornou para os netos e bisnetos uma figura parental importante, conseguindo romper barreiras emocionais e forjando conexões não humilhantes. Também Grange consegue forjar laços emocionais com as netas que não foi capaz de criar com o filho.

Quando Brownfield, atingindo o ápice da violência doméstica, assassina sua esposa e é preso, Grange passa a ter a tutela de Ruth, sua neta mais nova, tornando-se sua principal referência paterna, proporcionando para Ruth uma paternidade sensível e amorosa que não foi capaz de oferecer ao filho.

Ao sair da prisão, depois de alguns anos, Brownfield busca reaver a tutela de Ruth, não porque sente qualquer afeição pela filha, mas para causar sofrimento a Grange, não aceitando o fato de o pai propiciar à neta o que não se dispôs a oferecer a ele. Em um dos embates mais potentes da obra, que acontece um pouco antes de Grange matar o próprio filho para proteger a neta de sua fúria e ser morto pela polícia em seguida, pai e filho se confrontam e o protagonista admite e se lamenta pelos erros em sua atuação paternal diante de Brownfield, mas não o isenta da culpa e da responsabilidade pela forma que o filho reproduziu e ampliou as violências que presenciou, sendo, diferentemente de Grange, incapaz de construir uma outra experiência de masculinidade e paternidade.

Grange expõe como a compreensão acerca da responsabilidade e da autodeterminação pode ser propulsora para a construção de uma masculinidade negra que rejeite o que o modelo hegemônico branco tem historicamente imposto. A relação construída com Ruth só foi possível a partir da noção do caráter violento e opressor acerca do vínculo criado com o filho, do quão prejudicial para ambos os envolvidos, Grange e Brownfield (assim como para a esposa de Grange), foi essa conexão e do desejo de forjar laços emocionais saudáveis com a neta, promovendo a ruptura de um ciclo opressor.

Considerações finais

O personagem de Grange Copeland vivencia o processo de cura descrito por bell hooks, no qual recupera o passado para vivenciar de forma saudável o presente, passando a ser uma representação que diverge do estereótipo negativo presente no imaginário popular referente ao homem negro, se mostrando uma figura paterna amorosa na vida da neta, assim como Uba no

conto de Volp, que subverte a lógica opressora geracional vivenciando um paternar terno e afável.

O estigma tensionado por Walker e Volp em suas respectivas literaturas, associado ao homem negro, e especificamente ao pai negro, no qual tal sujeito é tido como omissos e agressivos, foi por muito tempo refletido e alimentado na literatura brasileira. O trabalho literário construído por autores negros brasileiros, assim como o trabalho literário afro-estadunidense, tem sido significativo no que tange a visibilização do indivíduo masculino negro.

A representação de sujeitos negros por seus pares sociais na literatura tem sido um importante mecanismo para difusão de imagens distintas das representações hegemônicas racistas que as diferentes esferas de discurso propagam acerca do homem negro. O sujeito negro masculino, historicamente coisificado, através de obras como a de Volp e Walker são simbolicamente humanizados em toda a sua complexidade, desarticulando o que secularmente tem sido perpetuado no imaginário popular.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Boitempo, 15 fev. 2021. 288 p. ISBN 9786557170519.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro, RJ : Vinhedo, SP: EdUERJ ; Editora Horizonte, 2012. 207 p. ISBN 978-85-99279-41-0.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. 2a edição ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022. 134 p. ISBN 9786556020884.

HOOKS, bell; BREDÁ, Tadeu (ed.). **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Tradução: Vinícius Da Silva. Paulo, SP: Editora Elefante, 28 mar. 2022. 260 p. ISBN 9786587235844.

Laitano, C. (2020). Pai de todos, pai de ninguém: modelos de paternidade no período abolicionista. *Nau Literária*, 16(1), 54–71. <https://doi.org/10.22456/1981-4526.104854>

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? In: Revista Democracia Viva, n. 22, p. 64-69, 2004. Disponível em: http://www.academia.edu/1420907/Qual_%C3%A9_a_identidade_do_homem_negro. Acesso em 20 set 2023.

RACIONAIS MCS. **Nada Com Um Dia Após O Outro Dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. 01h 47min 19s.

RAMOS, Luciano. Paternidades pretas em pauta. *In*: **Promundo**. [S. l.], 20 jul. 2020. Disponível em: <https://promundo.org.br/paternidades-pretas-em-pauta-desafios-e-perspectivas/>. Acesso em: 25 set. 2023.

SOUZA, Rosa Maria Laquímia de. **Similaridades e diferenças: o negro nos Estados Unidos da América e no Brasil segundo Alice Walker e Conceição Evaristo**. 2009. Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês – Universidade de São Paulo, São Paulo, 9 mar. 2009. DOI [10.11606/T.8.2009.tde-17082009-143956](https://doi.org/10.11606/T.8.2009.tde-17082009-143956). Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-17082009-143956/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

VOLP, Stefano. **Homens pretos (não) choram**. Rio de Janeiro, RJ: HarperCollins Brasil, 1 dez. 2021. 192 p. ISBN 9786555113310.

WALKER, Alice. **A terceira vida de Grange Copeland**. Tradução: Carolina Simmer, Marina Vargas. 1º ed. Rio De Janeiro: José Olimpo, 2020. ISBN 978-85-03-01376-5.